



# AZUL

ANNO I°

Pela Arte

TOMO I

**Redacção:**

*Santa Rita Junior, Evaristo Pernetta, Nicolau dos Santos,  
Adolpho Werneck, Euclides Bandeira e Thiago Peiroto.*

Curityba, 1.º de Abril de 1900

## A um lyrio morto

Desceo da morte a tenebrosa escada,  
Calma e pura aos meos olhos se revela.

*Olavo Bilac*

Nesta incerta jornada, em meio da existencia,  
Ao pungir de atra dôr e de rude saudade,  
Meo coração, por ti, tão cheio de dolencia,  
Ajoelha, rezando á extincta mocidade.

Céo piedoso e immortal! quero a tua clemencia!  
Do teo meigo consolo aspiro a suavidade;  
Nas cinzas da paixão inda ficou a ardencia  
E a palmeira ideal d'aquella doce idade...

Este luar que inunda o meo triste aposento  
Tanto outr'ora assistio a expansão do teo beijo  
E á loucura febril do nosso amor violento!

De joelhos eu me prostro e mil preces murmuro:  
Todo o ar se harmonisa ao soluçante harpejo...  
Desces a consolar-me, a este planeta escuro.

21 de Abril 1897.

*J. de Santa Rita.*

*Redacção de 1.º de Abril de 1900*



# PSALMO

“A Ti, dona da minha Alma... dona do fidalgo e antigo deluir de luz de teos olhos — cyrios de esmeralda no Azul de minha imaginação: illuminando-o e deluindo luz mortica por sobre o crepusculejamento de minha Indifferença — eu offerto este psalmo que, todas as noutes, quando a tua pallida, espectralmente pallida, vagueia por sobre o velludo azul do Céu, murmuro, genuflexo no Templo Azul — Templo de Amor — olhos fitos no Altar diaphano onde, entre lyrios e rosas brancas, scintilla a esmeralda santa dos teos olhos!...”

*Põe-me a mim como hum sello sobre o teu coração, como hum sello sobre o teu braço, porque o Amor é valente como a Morte, o Zelo do Amor é inflexivel como o Inferno.*  
(Cantares de Salomão, cap. VIII, vers. 6.)

— Ó Santissima, ó Piedosa, ó Doce! Advogada minha volve os teos olhos para minh'Alma... Ella te ama, ama os teos olhos: elles são feitos de Piedade, n'elles desfilam monjas penitentes manuzeando o roزاریo do Amor; as suas contas são lagrimas perolisadas, dona de minh'Alma... — Advogada minha, osculando a fimbria de tua purpura minh'Alma chora, soluça cahida a tuas plantas... Ouve a pobre mendiga, Advogada minha! dá-lhe o allivio para saudade de Passado morto, diaphano — nuvem de incenso — que se esvahiio tam cedo, me ensinando o Amor!...

— Isis Santissima, Alma de minha Existencia, Alvo de meo Pensamento!... illumina, com o dulcido deluir de luz de teos olhos, a consciencia de um erente!... — Desce, ó Immaculada, ó Virgem Maria de minh'Alma!... do

Altar feito de astros, de rosas brancas — de Almas e Magnolias — do Altar que meo santo Amor construiu a tuas plantas! Desce, ó Unica, ó Dulcissima... e dá que eu ouça o crystalisar balsamico de tua bocca!

— Os teos labios têm o perfume das rosas, e tua lingua molha-as com Amor liquefeito: elles são leitos de Aromas, duas manchas de sangue na petala de um Lyrio...

— O' Rosa Mystica! teu perfume inebria minh'Alma, balsamisa a minha Dôr!

— Apieda-te de mim, que meo Amor é immenso.... Que será de minh'Alma, longe de Ti?!

Pobre de minh'Alma!

Pobre de minh'Alma!...

— Ella é triste, envolve-a toda uma chlamyde de crepe.

— O' Eleita!... tuas palavras são cantares, tuas queixas são elegias e eu amo o breviario das perolas de tua bocca, quando n'elle rezas pelos corações que amam.

— Piedosa, Piedosissima!... passeia os teos dedos em meo coração... preme a chaga que o vae matando... o teu olhar foi que assim o fez, foi o teu olhar que o ferio...

— Tira a Morte de meo coração e eu beijarei tuas plantas, oscularei o coral de tuas unhas; os nossos corações quedar-se-hão gemeos e eu beijarei a malva de teos olhos, os teos cabellos se espalharão em ouro por sobre o meo rosto.....

— Favo de Amor... por piedade!... reza por minh'Alma!

..... Pobre de minh'Alma!

ALFREDO DE SARANDY.

Rio, éra de 900.



## SONETO

As vezes, contemplando, absôrto, a branca lua,  
Vejo-a, como si fôra uma extranha beata,  
De uma nuvem cobrir-se; alva, porém, bem nua,  
Eil-a outrâ vez mostrando a limpidez de prata.

É n'essa alternativa, é quando á luz tão grata  
Succede a treva hostil que envolve a face sua,  
Que, parece, o Senhor, para exemplo, retrata  
Da vida humana a sorte accidentada e crua.

Luz e treva... Mas ai! se aquelle astro em seu bojo  
Dá, como a Terra, abrigo a tantas almas, tantas,  
Que Deus, só de as contar, sentira estafa e nojo;

Será, como este mundo, outro gemido ingente...  
Mas a cada clamor d'aquellas mil gargantas  
Accode o céu mais perto, o céu alli presente!

*Ricardo de Lemos.*



## NEVROSE

„O teu Desejo é um louco!“ alguém me disse e eu creio...  
Ao Futuro — castello ignoto que se tinge  
Da loura cor do sol e que ser ouro finge —  
Elle vae, muita vez, tentar partil-o ao meio...

A Flor do meu Scysmar, a Flor que tanto anseio,  
N'uma noite infinita esse castello cinge.  
— O Futuro é o Mystério e o Mystério é uma Esphyngé  
Que um profano não pode investigar-lhe o seio...

Quanta vez a Chiméra astral desse Desejo,  
Desse louco que busca a Flor que tanto almejo,  
No Futuro descobre a Flamula da Paz,

Fazendo-a tremular n'um rutilo clarão!...  
Mas vejo — ó Deos! que a Dor succede essa Illusão  
E quedo-mo a gemer n'um nevrosismo audaz!

*GENEROSO BORGES.*





## Exilado...

A. Thiago Petrelo

Com a luminosa Flôr do Idéal esmagada pela brutalidade dos homens e pelas rodas materiaes do mundo, Elle sentia que a treva augural da noite immensa pezava-lhe na alma, envolvendo esmagadoramente o hostiarie da Esperança que outrora illuminara-lhe a vida como um fogo sagrado de Pyra immaculada clareando, em ondulações de thuribulos refulgentes e pomposos, o alvo altar engrinaldado de uma antiga Deuza pagan.

Como flôres mortuarias haviam desabrochado no seu coração: o pallôr gélido da Magôa, o Tédio maldicto e a indiferença suprema aos homens e a existencia toda.

A Sinceridade que Elle trouxera alçada ao coração, como um amulêto bemdicto, envolto em leves nuvens côr de azul da Fé, via agora pizada, esmagada no pó do caminho tão longo e torturoso.

Ah! a Realidade!

Montanha colossal de rochedos negros, cahida sobre um lyrio da madrugada, sobre uma roza da manhã.

Ah! a Realidade! E olhou em torno á si...

Sahára maldicto!...

Tudo morto; tudo extinto... E volveo mageadamente os olhos para traz: a saudade, loira Vestal do Passado, chorava debruçada nos braços espectraes dos madeiros desolados...

Só a ave agoureira e fria do Sarcasmo, gargalhava, gargalhava estridente no lenho abandonado o revôava recortando o azul da sua alma espedaçada...

Ah! como recordava-se agora...

Partira como um guerreiro medieval, para a lucta Santa — cruz do marfim pendente ao peito, plumas e lanças rebrilhando ao sól,

e voltára, ah! voltára mudo de dôr, como uma sphinge, tropego como um velhinho, cahindo vencido nos braços empedernidos de musulmanos de alfange... E o régio manto azul da Primavera incomparavel que levára em triumpho, fluctuava agora estraçalhado, como o estandarte da Morte, tristemente desfraldado ao vendaval que rugia, como uma voz humana... A Esperança que viera meiga e consoladora, — loira criança a sorrir — do luar velado — do primeiro encanto, da nevoa da paixão primeira, fôra amortalhada quando os annos crueis distenderam a gelidez de cova na sua alma sensível e doce.

E a Crença perfumada pela capella em flôr do Paraíso primavera; que cantára hymnarios festivos e gloriosos, fôra despedaçada de encontro a rocha escarpada e nua do odio... E o vencido passava agora como uma sombra errante, entre a multidão vaga, ouvindo as rizadas d'ella que vibravam-lhe na alma tormentosa, como punhaes cantantes cantando requiens de sangue... Agora nem coragem tinha de volver os olhos para traz.

E assim com o coração feito em chaga viva ao contacto dos outros corações humanos, Elle fugia louco, do rumôr confuso, rouquenho e aspero do mundo, e, longe, muito longe, no seu desespero maldicto, ia ouvir a voz immensa do Deserto, ia abrir a sua alma ás estrellas piedosas para que o seu grande Sonho derreadeiro subisse por uma escadaria enluarada e ficasse sacramentado entre a pulverisação da *Estrella D'Alva*, onde a pequenez dos homens não o pudesse alcançar.

E refugiado das turbas terribes, parecia-lhe que cada estrella que palpitava vivida no seio carinhoso do Azul longiquo, era um sonho enorme, um Idéal castissimo que o vasto mundo não



comportára e que n'uma communhão excelsa e branca de luz purissima haviam-se alado para o Alem, constellando-se lá entre

25 de Março 1900.

as nuvens do céu, resplandecendo lá muito longe, lá muito alto, entre o luar immaculo, entre o clarão dos astros immortaes.

*Santa Rita Junior.*

## No alto...

*A Santa Rita Junior.*

No teu mirante de azul-turqueza,  
Loiros cabellos, cutis bem alva,  
Vejo-te sempre, Lady ou Duqueza?  
De bata verde... folha de malva...

Fitando cheia de nostalgia  
A branca espuma do verde mar,  
E vêm-te aos labios triste alegria,  
Que faz-me triste tambem scismar:  
Nesses teus olhos verdes de opala  
Que symbolisam mortos luares,  
Nesse teu rosto que inda trescala  
O leve cheiro dos nenuphars...

A tua vida, Lyrio, parece  
A Ermida triste do isolamento,  
Onde o teu labio murmura a prece,  
No missal negro do soffrimento.

E quando a noite desce piedosa,  
Olhas chorando para o Levante!  
Lady ou Duqueza? botão de roza:  
Dize o que buscas lá tão distante...

*Thiago Peixoto.*

## \* LECTICIA \*

*Ao Nicolão dos Santos.*

Sorrindo sempre, sempre risonha  
 Vejo-a. Parece que o riso mora  
 Dentro em sua alma virgem que sonha  
 E que se expande como uma aurora ...

Jamais turvado, mesmo de leve,  
 Foi pelo laivo de acre tortura,  
 Seu lindo rosto de rosa e neve  
 Onde bailando vê-se a ventura.

Ella não sabe que a dor existe ...  
 — A dor, abutre de garra fêra,  
 Que a alma dolente de um pobre triste  
 A todo instante punge e lacera.

Chamal-a póde-se — alma de lyrio,  
 Alma que sonha, luz que radia  
 E perambula no grande Empyrio —  
 Dona Risonha, Dona Alegria.

Por certo pensa Dona Leticia  
 Ah! forte engano pensar assim ...  
 Que a vida é um sonho só de delicia,  
 Um sonho roseo que não tem fim.

Ah! mas quem sabe se essa creança  
 Que á flor dos labios traz a bailar  
 Um riso doce como a esperança  
 Ao mundo veio para penar? ...

A vida eterno goso parece  
 Quando começa a resplandecer ...  
 Mas como um sonho desaparece  
 Toda a alegria, todo prazer ...

Ah! sim, quem sabe se essa creança  
 Que á flor dos labios traz a bailar  
 Um riso doce como a esperança  
 Ao mundo veio para penar? ...

ADOLPHO WERNECK.





## Dissonante

O azul desses olhos que me veem tristonhos, é mais profundo, mais expressivo que a symbolica côr azul do firmamento.

Olhos que são mundos, paraíso onde florescem os sonhos castos, olhos nostálgicos, scismadores, remontam às noites enluaradas, de um paiz distante.

E' no espaço luminoso desses olhos que cantam os passaros da primavera; na doce tranquillidade do seo azul inalteravel, as tempestades destruidoras não deixarão vestígios.

Serão sempre tranquillos.

E quando velados um dia para a luz, volverem-se para o Azul do céu, hão de ser os mesmos olhos nostálgicos, scismadores, olhos que foram mundos, paraíso onde floresceram os sonhos castos, enluarados.

Olhos bons.

\* \* \*

Olhos maus.

Chamaram maus a ess'outros que me suggestionam, olhos que se avultão como espectros visíveis, nervos vibrando em sensações de gelo e fogo.

Serão maus?

Talvez...

Povoam-me os sonhos de ancias e agonias, lembram a morte; torturam-me a alma com desejos amortalhados; vejo na luz esverdeada do seo olhar remorsos de crimes insepultos.

Ah! mas elles procuram-me, são inconscientes, somnambulos movem-se nas orbitas como se

não existissem para o mundo exterior.

Fital-os-ei, que importa? — esses olhos peregrinos onde vagueiam fogos fatuos d'um cemiterio abandonado.

Cemiterio de sonhos.

Olhos maus.

24—3—1900.

*Nicoláo dos Santos.*



## Nomeadas universaes.

(Chateaubriand.)

A multiplicidade e a diversidade das lingoas modernas devem fazer que ao espirito dos homens tantalisados pela séde de viver se offereça esta triste questão: Póde hoje haver nas lettras reputações universaes, como as que nos legou a antiguidade?

No velho mundo civilisado duas lingoas dominavam, só dous povos julgavam, em ultima instancia, os monumentos de seu genio. Triumphando dos Gregos, Roma cercou os trabalhos da intelligencia dos vencidos do mesmo respeito que Alexandria e Athenas haviam por elles tido. A gloria de Homero e de Virgilio, nola transmittiram religiosamente os monges, os padres e os clerigos, — instituidores dos barbaros nas escolas ecclesiasticas, nos mosteiros, nos seminarios e nas universidades. De raça em raça, chegou até nós uma admiração hereditaria, em virtude das lições de um professorado cuja cathedra, aberta ha quatorze seculos, con-



firma incessantemente a mesma sentença.

Não se dá o mesmo no moderno mundo civilisado: cinco línguas florescem: cada uma dellas possui obras primas que não são reconhecidas taes nos paizes em que as outras quatro línguas se falam. E não nos admiremos disso.

Numa litteratura viva, só pôde alguém julgar com competencia das obras escriptas em sua propria lingua. Pensaes em vão conhecer a fundo um estrangeiro idioma: falta-vos o leite da nutrice, como vos faltam as primeiras palavras que ella vos ensina em seu regaço e em vossos cueiros: certos accentos são exclusivamente peculiares á patria.

Diz-se que as bellezas reaes são de todos os tempos, de todos os paizes: sim, as bellezas de sentimento e de pensamento; não, as bellezas de estylo. O estylo não é, como o pensamento, cosmopolita; tem uma terra natal, um céu, um sol que lhe pertence.

(Continúa.)

ARISTIDES FRANÇA.



### Dr. J. Santa Ritta.

Ilumina hoje a pagina de honra do „Azul“ o bizarro soneto „A um lyrio morto“ do magnifico poeta Dr. Santa Ritta.

E' um presente régio com que brindamos os nossos leitores.



Fulguram tambem no „Azul“, como uma alvorada de primavera, um „Soneto“ do inspirado moço Ricardo de Lemos e „Névrose“ de G. Berges.



### A Cruz e Souza.

Nestor Victor, um dos mais amplos espiritos da nossa terra, que com tanta honra resplandece entre a fina flor intellectual da moderna geração, teve a gentileza de nos offerter um livro de versos da sua lavra, com o titulo acima, escripto pelo 30.º dia da morte do inolvidavel Artista da palavra, Cruz e Souza, que foi um dos seus mais intimos amigos. Agradecemos essa distincção fidalga e o bello cartão que nos dirigio.

Breve daremos a nossa sincera opinião sobre esse trabalho.



### „Folha Amarella“

O nosso coração sentio-se banhado por uma immensa alvorada de alegria, quando tivemos a noticia da breve appareição desta orientalesca Deusa do Sonho. Que um rosario incomparavel de estrellas, de astros e de luars, pulverise a estrada por onde Ella perambular victoriosamente.



### LARVAS.

Do distincto poeta fluminense Sr. Cardoso Junior, recebemos um exemplar do seu livro — Larvas. Vamos lê-lo e escreveremos a impressão que nos ficar.



Recebemos o „Athleta“, jornal da Associação Paranaguense dos Empregados no Commercio. Gratos.

### Expediente.

O AZUL será publicado quinzenalmente.

### ASSIGNATURA:

2 mil rs. por trimestre.

REDAÇÃO:

PRAÇA DA REPUBLICANA. 4

—\* „Typ. Der Beobachter“ \*—

Travessa da Proclamação Nr. 5.

CURITIBA.